A MULHER É MAIS AMARGA DO QUE A MORTE (?)

Ana Maria Rizzante Gallazzi e Sandro Gallazzi

Morte e mulher: uma associação que parece ser própria de um tipo de literatura sapiencial que chegou até ao exagero chauvinista do Eclesiástico 25,24 e que esquece completamente a responsabilidade de *'adam*: *"Foi pela mulher que começou o pecado, por sua culpa todos morremos"*.

Coelet, aparentemente, retoma e reforça esta mesma lógica patriarcal e machista.

Tempos atrás, porém, ao apresentarmos uma chave de leitura do livro de Coelet, afirmávamos a possibilidade de este livro ter sido produzido por grupos que contestavam a sabedoria dominante e onde a presença de mulheres era significativa e atuante[1].

É evidente que, em relação à nossa hipótese, a afirmação contida em Ecl 7,26 é muito intrigante.

"Eu encontrei que a mulher é mais amarga do que a morte"!

Será que a Coelet, tão lúcida na sua análise crítica do sistema dominante, se deixou envolver pelas artimanhas dos sábios, justamente no que diz respeito à sua identidade de mulher? Poderia ser esta a prova de que nossa hipótese de ser Coelet representativa de mulheres insubmissas não passa de uma idéia estapafúrdia?

Com efeito, no artigo citado nós não comentamos este texto. Simplesmente afirmamos que Coelet estava "opondo-se a quem fala mal das mulheres, e pondo estas e os homens numa mesma cesta".

É o momento de justificar esta nossa afirmação.

Normalmente, a primeira reação dos comentaristas, diante deste texto, é falar da misoginia e do pessimismo de Coelet, e procuram justificar, de alguma maneira, um pensamento tão duro a partir dos esquemas da cultura patriarcal e machista da época.

Outros biblistas, numa reação ainda pior, falam do realismo deste texto ou da possível "amarga" experiência deste sábio, em relação às mulheres. Se for "realista" este escrito seria de uma tristeza insuperável: nenhuma mulher presta e, entre os

1. RIZZANTE, Ana Maria e GALLAZZI, Sandro: O teste dos olhos, o teste da mesa e o teste do túmulo. In: *RIBLA*, nº 14, Petrópolis, Vozes, 1993.

homens, um só sobre mil (e quem escreveu o texto e quem o comentou deve se considerar tal!).

Pessimismo e/ou realismo são conceitos ligados a um tipo de leitura psicológica que se costuma usar para ler este texto ou o livro de Coelet como um todo. Esta seria a leitura correta? Poderíamos aplicar a este escrito critérios que se tornaram comuns só depois do romantismo existencialista?

Acreditamos que, pelo menos, não seja suficiente para uma correta compreensão do texto de Coelet.

1. O conflito que produziu este texto

O texto tem sabor de polêmica, de conflito, de tomada de posição; não é mera expressão do pensamento de um autor isolado que expressa suas características psicológicas. Tem que ser lido no conjunto da literatura da época, participante de um debate que não deve ter ficado na mera expressão de opiniões filosóficas.

Duzentos anos mais tarde, o livro da Sabedoria chamará de "ímpios" os que falam como Coelet falou dois séculos antes.

Basta fazer uma simples sinopse. Citamos de um lado o texto de Sb 2,1-9 e do outro os textos de Coelet que lhe correspondem.

SABEDORIA (2,1-9)	COELET
Breve e triste é nossa vida	Seus dias são todos dolorosos (2,23).
Nós nascemos do acaso	O ser humano não conhece o seu tempo (9,12)
fumo é o sopro do nosso nariz	Vaidade (1,2; 12,8) (*hebel* = fumo)
nosso nome cairá no esquecimento	Ninguém se lembra dos antepassados (1,11)
Ninguém se lembrará de nossas obras	Sua memória cairá no esquecimento (9,5)
nossa vida passará como uma nuvem	Vaidade (*Hebel* = nuvem)
se dissipará como a neblina	Vaidade (*Hebel* = neblina)
nosso fim é irreversível e não há retorno	Tudo vem do pó e tudo volta ao pó (3,20)
Vinde pois desfrutar dos bens presentes	Comer, beber, desfrutar do trabalho (3,13)
e gozar das criaturas com ânsia juvenil	Desfruta o bom na tua mocidade (11,9)
Inebriemo-nos com o melhor vinho e com perfumes	Bebe teu vinho... nunca falte perfume na tua cabeça (9,7-8)
esta é a nossa parte e a nossa porção!	Essa é a sua porção (4,22; 5,17; 9,9)

Parecem palavras saídas da mesma boca. Há, porém, uma grande diferença: em Coelet, elas resumem o sonho do pobre, na Sabedoria elas são pronunciadas pelos ricos e poderosos opressores que falam com impiedade.

Estes ímpios são os responsáveis pela morte e o extermínio dos justos pobres; são opressores das viúvas, desprezadores dos fracos; são fortes somente de sua força e poder (Sb 2,10-11).

A polêmica entre os dois textos é evidente. Não pode ser ignorada.

Sabedoria e Coelet têm bem pouco em comum. Estão em trincheiras diferentes.

A "sabedoria" de Coelet aqui é chamada de "*insensatez, impiedade, falsos raciocínios, maldade, ignorância dos segredos de Deus*" (Sb 2,21-22); por sua vez Coelet dizia que esta ignorância era de todos (3,11; 8,16; 9,1; 11,5).

De um lado uma sabedoria que se deixa encontrar por quem a busca com afinco e dedicação (Sb 6,12-16), do outro a sabedoria é uma "fadiga" com que Deus nos oprime: *trabalho inútil é o trabalho do sábio* (Ecl 1,13; 2,22-23; 3,10; 8,16-17):

Mesmo que um sábio diga que conhece, nem por isso é capaz de descobrir.

2. Mulher entre todas elas não encontrei

É neste contexto conflitual que temos que ler esta página aparentemente tão enigmática.

Vamos, primeiro, à tradução literal deste texto:

23. Tudo isso eu testei com sabedoria
e disse: serei sábio;
e ela longe de mim,

24. Tudo isso é longe e profundíssimo
quem o encontrará?

25. Voltei eu e meu coração
para conhecer para pesquisar
e procurar sabedoria e o **sentido**
e para conhecer a iniqüidade tola
e a tolice da loucura.

26. *E* encontrei *eu a mulher amarga mais que a morte*
que ela laços e redes seu coração
cordas suas mãos
um bom diante de Deus escapará dela
e o pecador será capturado por ela.

27. Vê, isto encontrei, *(ela) diz Coelet,*
um por um, para encontrar *o* **sentido**

28. o que continuamente procura minha garganta e não encontrei.
Adam um entre mil encontrei
e ishá (mulher) entre todas elas não encontrei

29. Somente, vê, isto encontrei
que Deus fez Adam reto
e eles procuraram muitos **sentidos** (Ecl 7,23-29).

O sábio procurava sabedoria e, no seu lugar, encontrou que "*a mulher é mais amarga do que a morte*"!

Morte e mulher: uma associação que parece ser típica de uma literatura sapiencial que chegou até ao exagero chauvinista do Eclesiástico 25,24 e que esquece completamente a responsabilidade de *'adam*:

"Foi pela mulher que começou o pecado
por sua culpa todos morremos".

O livro dos Provérbios, por sua vez, já tinha começado a tocar este refrão, falando da mulher adúltera e da prostituta:

A sua casa se inclina para a morte
os seus trilhos para as sombras;
os que ali entram não retornam,
não alcançam as sendas da vida (Pr 2,18-19).

No final, ela é amarga como o absinto,
e afiada como uma espada de dois gumes.
Os seus pés levam para a morte,
e seus passos descem para o Xeol[2] (Pr 5,4-5).

Pois ela assassinou a muitos,
e os mais fortes foram as suas vítimas;
sua casa é o caminho do Xeol,
suas escadas levam para os átrios da morte (Pr 7,26-27).

E não sabem que em sua casa estão as sombras
e seus convidados no fundo do Xeol (Pr 9,18).

É interessante parar um instante neste último versículo citado.

O livro dos Provérbios imagina duas mulheres que da porta de suas casas estão "convidando" os que passam. Uma é a sabedoria (Pr 9,1), a outra é a tolice (Pr 9,13). Ambas disputam entre si a clientela, os ingênuos, os sem juízo:

Os ingênuos venham aqui;
quero falar aos sem juízo... (Pr 9,4.16).

Ambas as mulheres têm a oferecer pão: a sabedoria, pão amassado com suas mãos; a insensatez, pão escondido, roubado. A sabedoria tem vinho para dar, a insensatez água roubada (Pr 9,5.17): de um lado a vida e a inteligência (9, 6); do outro, as sombras e o Xeol (9,18)!

2. Xeol era a casa onde iam todos os mortos, segundo a concepção dos israelitas.

O jovem deve decidir-se pela busca da sabedoria, contra as seduções das mulheres.

Elas "*enleiam*", são um "*laço*", seu olhar "*cativa*", seu discurso "*captura*", seus lábios "*atraem*", seus caminhos "*extraviam*", seus trilhos "*perdem-se*". É tudo que atrapalha o conhecimento, o caminho reto da sabedoria, a busca pela compreensão.

Sábio e mulher, parecem incompatíveis. A razão e o sentimento, a lógica e a sedução, a alma e os sentidos, a inteligência e os instintos, a sede do espírito e os desejos do corpo, a sabedoria e a insensatez: tudo parece incompatível.

Nada mais perigoso, para o jovem que busca a sabedoria, do que esbarrar no olhar cativante de uma mulher cheia de desejo. Toda boa vontade se derrete, toda decisão se despedaça, toda segurança desaparece. O olhar sedutor da mulher pode ser mais poderoso e cativante do que a Bíblia inteira, o conhecimento da lei ou os conselhos dos velhos.

A menos que seja a "tua" mulher, a tua fonte, o teu poço, a tua esposa que te "*embriaga sempre com suas carícias e seu amor te satisfaz sem cessar!*" (Pr 5,18-19).

Ou a mulher é tua, está à tua disposição, faz o que tu queres e precisas ou é um perigo, um laço, uma armadilha, uma pedra de tropeço.

A "tua" mulher quando bonita e serviçal, calada e talentosa é a maior dádiva de Deus para o sábio. Uma mulher diferente, fora deste padrão patriarcal, porém, é uma lástima e um sufoco.

Eis por que a literatura da sabedoria clássica sempre apresenta estes dois tipos contraditórios de mulher.

A mulher graciosa adquire a honra (11,16) Uma mulher forte é a coroa do marido (12,4a) Encontrar uma mulher é encontrar felicidade é obter o favor de YHWH (18,22) É YHWH que dá uma mulher prudente (19,14). Quem encontrará a mulher talentosa? (31,10) Nela confia o seu marido... (31,11) Na praça seu marido é respeitado (31,23) Seu marido canta-lhe louvores (31,28) A mulher que teme YHWH merece louvor (31,30b).	Anel de ouro no focinho de um porco é a mulher formosa sem sabedoria (11,22) Mulher indigna é cárie nos ossos (12,4b) Goteiras sem fim são as queixas da mulher (19,13; 27,15) Melhor é morar no canto de um teto, ...melhor morar numa região deserta, do que morar com mulher queixosa (21,9.19; 25,24) Cova profunda é a boca das estrangeiras (22,14) A prostituta é cova profunda e a estranha um poço estreito (23,27) Conter uma mulher é o mesmo que conter o vento ou pegar o óleo com a mão (27,16).

Anjo ou demônio do lar: do lar do homem, naturalmente! Casa do marido – *ba'al* – dono – senhor!

Terrível responsabilidade das mulheres: serem as salvadoras ou as destruidoras dos "sábios".

Por isso, a sabedoria é mulher ciumenta. Ela quer ser a única, a melhor, a divina. É mulher contra mulher. Toda vez que o sábio fala da busca da sabedoria, na mesma hora, precisa falar do perigo das mulheres "livres", que tomam a iniciativa, que seduzem e desviam o coração do justo do reto caminho. As duas não convivem. É só pesquisar os textos a seguir:

BELEZA DA SABEDORIA	PERIGO DAS MULHERES
Pr 2,1-11: Se aceitares, meu filho, minhas palavras, dando ouvido à sabedoria (...) então encontrarás o temor de Iahweh e o conhecimento de Deus (...) Pr 5,1-2a: Meu filho, presta atenção à minha sabedoria (...) Pr 6,20-23: Meu filho, guarda os preceitos de teu pai, não rejeites a instrução de tua mãe (...) Pr 7,1-4: Meu filho, guarda as minhas sentenças (...) e viverás Pr 8,1–9,6: A sabedoria não chama? O entendimento não levanta a voz? (...) Eclo 24,1-34: A Sabedoria faz seu próprio elogio, na Assembléia do Altíssimo abre a boca (...)	Pr 2,16-22: Para livrar-te da mulher estrangeira, da estranha que enleia com suas palavras (...) a sua casa é para a morte, seus trilhos para as sombras. Pr 5,2b-6: Não dês atenção à mulher perversa (...) os seus pés levam para a morte (...) Pr 6,24-35: Eles te guardarão da mulher má, da língua da estranha (...) Pr 7,5-27: para que te guarde da mulher estrangeira (...) sua casa é o caminho do Xeol. Pr 9,13-18: A insensatez chama (...) em sua casa estão as sombras (...) Eclo 25,13–26,18: Qualquer ferida menos a do coração, qualquer malícia menos a da mulher (...)

Não se consegue falar de uma sem, imediatamente, falar mal das outras: de todas as outras que se recusam a ser a "*mulher forte e talentosa*" de Pr 31,10, perfeitas servidoras na casa dos "sábios".

A sabedoria será a única esposa de Salomão (Sb 8,2) e as outras mil mulheres serão, oportunamente, esquecidas.

Aliás, é bem interessante verificar os dois rostos de Salomão que aparecem no livro da Sabedoria e em Coelet.

Em Sabedoria, um Salomão perfeito, irrepreensível, preocupado somente com a incessante e recompensadora busca da sabedoria, dirigindo sua palavra e seus conselhos a reis e governantes e ensinando como pedir a Deus este dom insuperável (Sb 6–9).

Em Coelet, um Salomão acabrunhado, tentando encontrar a felicidade em tudo e, no fim, verificando amargamente que tudo que ele fez não deixou de ser *hebel*/vaidade, trabalho inútil e fadigoso (Ecl 1,12–2,23).

Lá, a versão oficial que transforma Salomão num rei, praticamente sem defeitos, exemplo de todos os sábios, como aparece nos primeiros capítulos do segundo livro das Crônicas e em Eclesiástico 47,12-22.

Aqui, em Coelet, a resistência irônica do povo faz do mesmo Salomão alguém que detesta a vida!

A ironia desta confrontação é evidente:

COELET 2,17	SABEDORIA 8,16
Detesto a vida, pois vejo que a obra que se faz debaixo do sol me desagrada: tudo é vaidade e correr atrás do vento.	Ao entrar em casa repousarei ao seu lado, seu convívio não traz amargura, sua intimidade não deprime mas regozija e alegra.

3. Ela falou Coelet

Voltemos agora ao nosso texto[3].

É evidente o esforço do sábio: testar, buscar, procurar, conhecer, pesquisar, são os verbos do trabalho da sabedoria expressos, sobretudo, nas três vezes em que se repete:

Procurar o **sentido** (7,25.27.29).

É a busca pelas razões, pela lógica, pelo rumo. Tudo tem que ter uma explicação, um motivo, e, por isso, um sentido. Conhecer é dominar, controlar, explicar, conduzir: é sermos um pouco como Deus. Este trabalho, porém, é inútil e destinado ao fracasso:

Ela longe de mim,
Tudo isso é longe e profundíssimo,
quem o encontrará? (7,23-24)

3. Antes de proceder na exegese precisamos reafirmar a chave literária que estamos usando e que apresentamos no artigo já citado. Acreditamos ser Coelet um texto feito no estilo da diatribe. Nem tudo que é dito é pensamento de Coelet. Temos, no texto, a apresentação do pensamento da sabedoria dominante ao qual Coelet reage com uma crítica cáustica, selada pela palavra *hebel*/vaidade, para apresentar, depois de refletir, o que ela acredita ser o bom. Sem querer generalizar, o desenvolvimento da reflexão segue, normalmente, esta linha:
   a. Posição oficial da sabedoria dominante
   b. Mas eu vejo: a realidade questionadora que não pode ser negada
   c. Eu disse ao meu coração: o pensamento de Coelet, suas dúvidas, suas críticas
   d. Eu sei: sua proposta alternativa, dentro do contexto conflitual que já foi apresentado.

   No texto que estamos estudando, os v. 23-26 representam o pensamento da sabedoria dominante à qual responde com firmeza a Coelet, nos v. 27-29.

O verbo encontrar, neste texto, tem a primazia: é repetido 8 vezes. A sabedoria, porém, não é encontrada! E, sobretudo, não é encontrado o que "a *minha garganta procura continuamente*".

Nefesh: alma, para os gregos e os filósofos; garganta, para a Coelet. Nada de espiritual, de intelectual. Nada de mais triste do que uma garganta que não engole, não come, não se farta de bens (4,8; 6,2.3). Isto também é *hebel*, fumaça, caçar vento (6,9b). Coelet sabe que "*a saciedade da garganta é o bem que vem da mão de Deus*" (2,24).

Neste texto, também, uma vez mais, como em 6,7, a garganta permanece insatisfeita (7,28).

Então, se a sabedoria não é encontrada, se não é capaz de saciar a garganta, há de ter um motivo, um porquê, uma razão. A razão é a mulher, a eterna distração do sábio, a culpada de sempre. Isso sim, o sábio encontra e, do alto de sua descoberta, despeja sobre a assembléia:

> *E encontrei eu a mulher amarga mais que a morte, que ela laços e redes seu coração, cordas suas mãos; um bom diante de Deus escapará dela e o pecador será capturado por ela* (7,26).

Só isso o sábio conseguiu "encontrar" com toda sua investigação. Só isso, nada mais!

Acaba sendo ridículo.

Coelet não agüenta. Pela primeira vez, ela deixa de "falar ao seu coração", de falar com seus botões, como fez até agora e, apesar de todas as proibições sinagogais, abre sua boca.

> *Ela falou Coelet:*
> *Analisei tudo, de um por um, para encontrar o sentido*
> *e não encontrei o que minha garganta procura desde sempre.*
> *Encontrei um 'adam entre mil,*
> *mas não achei 'ishá entre todas elas* (7,27-28).

Nada de mais triste deste *'adam* sem *'isha*. É criação inacabada. É justamente o que falta para que tudo seja bom, inclusive *'adam*, que, sem *'isha*, ainda não é bom!

Sábio nenhum sem *'isha* é bom!

É necessário trabalhar este paralelismo tão estranho e quase nunca usado. Não se trata de *'ish*, e de *'isha*, como é o uso comum. Não se trata de homem e mulher, como a leitura ideologizada de muitos quer colocar em evidência, com evidente

satisfação da vaidade masculina, vencedora no confronto, mesmo que de pouco, mesmo que de 0,001 a 0[4].

O texto não funciona assim. No resto da Bíblia nunca o paralelismo se dá entre *'adam* e *'isha*. As duas são realidades de tamanho diferente: *'adam* é mulher e homem, é humanidade e mulheridade.

Estes dois termos só se encontram paralelos em Gn 2,22-23 e Gn 3,8.18.20-21, onde *'adam* é personalizado no homem do jardim.

É para lá que o texto nos joga, para o momento em que Deus quis fazer o *'adam* bom e lhe deu a *'isha*: igualzinha a ele, tão boa quanto ele. *'adam* devia deixar a casa do pai e da mãe para unir-se a ela e ser uma só carne (Gn 2,18-25).

O sábio inverteu a verdade do Gênesis:

> *O bom diante de Deus escapará dela e o pecador será capturado por ela!* (7,26)

O sábio, que tudo conhece, esqueceu que:

> *Não existe um 'adam tão justo sobre a terra que faça o que é bom sem nunca pecar* (7,20).

Ele não é capaz de ver a coisa mais simples, a essência do projeto de Deus: o *'adam* bom, junto com a *'isha*, no jardim, nus os dois, sem que a vergonha os divida. Isso grita a Coelet.

É a recusa clara de ser a mulher serviçal e submissa aos sábios. É a denúncia evidente que nem mesmo a sabedoria é mulher para tanto. Entre as mulheres impossíveis de encontrar, está a própria sabedoria.

Em nome de "todas elas", Coelet afirma que nunca o sábio encontrará a mulher que busca. Não porque não existe a mulher ideal, mas porque ele busca um inexistente ideal de mulher. Mulher não é isso que a sabedoria masculina projetou: *'isha* só é do jeito que o Criador quis!

Isto é tudo que a Coelet precisa saber:

> *Veja, somente isso eu encontrei: Deus fez o 'adam reto e eles procuraram muitos* **sentidos** (7,29).

4. A Bíblia de Jerusalém brilha neste sentido:
Entre mil encontrei apenas um homem,
porém, entre todas as mulheres,
não encontrei uma sequer.
O confronto está posto e, se os homens (subentendidos bons, mas o texto não diz) são pouquinhos, porém (este porém não está no texto) nenhuma mulher presta (no texto a palavra "uma" não existe). No rodapé, depois, fala-se de "aparte misógino". Misógino foi o tradutor que carregou num confronto que literariamente não é tão claro! Para que esta lógica funcione, devemos supor que o que está sendo procurado é alguém bom, sábio ou, pelo menos, razoavelmente aceitável.

Assim, como no Cântico dos Cânticos[5], a Coelet, também, volta ao jardim originário para encontrar o projeto a ser reconstruído; é lá que ela encontra o elemento crítico para julgar, para reafirmar sua fé, para redefinir suas opções.

Isso ela sabe: tudo era bom, o jardim estava à disposição, com todos os frutos capazes de satisfazer a nossa garganta e com uma *'ishá* com a qual se unir. O jardim era tudo de "bom" que Deus quis para nós e que a Coelet veio proclamando ao longo de todo o texto.

Só havia uma proibição:

> *Da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer* (Gn 2,17).

Mas eles "procuraram muitos ***sentidos***".

Não há por que traduzir esta palavra de forma diferente de como foi traduzida em 7,25.27. Não se trata de "complicações sem conta", de "maquinações", de "confusões". Trata-se do próprio trabalho dos sábios: procurar as razões, os sentidos.

Só Deus conhece o bem e o mal. Querer ser como ele, querer decidir o que é bom e o que é mau é a mais diabólica das tentações.

A sabedoria dominante e o projeto de Deus não podem coexistir. Não é a mulher a causa da morte: morte é trocá-la por este tipo de sabedoria.

O trabalho árduo e infrutífero para satisfazer a garganta, a dominação violenta sobre a mulher, a fadiga dolorosa da vida, para comer e parir, e a inevitável, inexplicável experiência da morte, são fruto de quem comeu da árvore do conhecimento (Gn 3,16-19), de todos aqueles que, homens e mulheres, procuraram muitos ***sentidos***!

Esta é a única verdade que a Coelet encontrou. Uma verdade que já estava lá, clara, evidente, fruto de um mutirão de sabedoria popular, desde a primeira página da história de *'adam*, de todos nós seres vivos pelo sopro de Deus.

Ana Maria Rizzante Gallazzi
Sandro Gallazzi
Caixa postal 12
68906-970 Macapá, AP

5. GALLAZZI, Ana Maria. Eu serei para ele mensageira de paz. In *RIBLA*, nº 21. Petrópolis, Vozes, 1995.